

**DISCURSO DO CONSELHEIRO ANTÔNIO CORRÊA DE OLIVEIRA NA SOLENIDADE DE POSSE DA PRESIDÊNCIA E VICE-PRESIDÊNCIA DO TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE PERNAMBUCO**

Indispensável uma palavra, nesta reunião, em que V. Exas., Conselheiros Fernando José de Melo Correia e Adalberto Farias Cabral, reconduzidos por todos integrantes do Colegiado, tomam posse.

Iniciam, na forma regimental, mais um mandato. Mandato que é trabalho, perspectiva, novos horizontes, principalmente em um ano como o presente, de tantos desafios, a exigir esforço, compreensão, harmonia, firmeza, no conduzir, dirigir e administrar o Tribunal que, pelas atribuições outorgadas, dele muito espera a opinião pública.

Nos desafios, em meta de relevo, a realização do Congresso das Cortes de Contas do País que, em outubro, aqui estarão representados, em nossa sempre acolhedora capital de tanta história e expressão, vista pelo imortal Joaquim Cardoso como:

“Recife romântico dos crepúsculos das pontes,  
Dos longos crepúsculos que assistiram à passagem dos fidalgos holandeses,  
Que assistem agora ao movimento das ruas tumultuosas,  
Que assistirão mais tarde à passagem dos aviões para as costas do pacífico;  
Recife romântico dos crepúsculos das pontes  
E da beleza católica do rio.”

Primeiro Congresso a ocorrer após a vigência das novas cartas magnas estaduais e de que se espera o debate de teses em busca do aprimoramento, da correta adequação legislativa para um País que alicerçado no direito deve ser, profundamente, humano e democrático.

Outro, preenchimento dos cargos existentes através de concurso, possibilitando mais dinamismo no trabalho cotidiano de fiscalizar. Hoje muito mais amplo, abrangente, mercê dos dispositivos constitucionais. Dispositivos, ressalte-se, que tiveram na Constituição pernambucana mais amplitude e enfocados foram pelo professor Celso Antônio Bandeira de Melo quando pronunciou conferência, em seminário no mês de maio do ano passado.

Na verdade, de dia para dia, maiores as tarefas, aumenta o volume de trabalho e necessário se faz um aparelhamento para o Tribunal exercer seus afazeres, cumprir a tarefa que lhe foi cometida, mormente quando há preocupação com a receita que cai e o fantasma da recessão ameaçadora, apavora diversos segmentos da sociedade, ensejando opiniões conflitantes.

Traumatiza dizer que Pernambuco estagnado, há anos não vem acompanhando o desenvolvimento, o crescer de outras unidades federativas. Em votos na apreciação das contas do Governo externei essa preocupação.

Há causas várias desse marasmo.

Uma delas, o pessimismo que, tirando a esperança, concorre para alocação de capitais em outras terras, que não as nossas, apesar das condições favoráveis que oferecemos, como situação geográfica, Suape e regular sistema de estradas.

Outra, a mentalidade. A norma adotada por muitos de combater por combater o homem da indústria, o empresário que, criador de riquezas, absorve a mão-de-obra, evita o êxodo, propicia melhor padrão de vida, valorizando o técnico, a dar-lhe emprego condigno.

O radicalismo ao encarar a administração, afastando líderes de peso, separando forças, trazendo em ebulição a comunidade, impedindo, assim, a racionalidade e a visão objetiva de nossa problemática.

Em época natalina que termina com a Epifania ou dia de reis, seria por demais interessante que todo o povo pernambucano, à semelhança de Roberto Carlos pudesse dizer *como ele em uma de suas mais recentes e belas canções*:

“Por isso eu sonho como criança  
Não perco a esperança  
De um tempo de paz.”

Impõe-se acreditar no futuro. Crer no amanhã. Somar esforços.

Esforços de todos. De dirigentes e dirigidos. Vencidos preconceitos. Idiossincrasias. Pensamentos retrógrados.

Vivemos época de grandes e inusitadas transformações. Barreiras caem. Países se reaproximam. Concepções começam a se concretizar à procura de um mundo mais aberto, sem fronteiras e de países vários com uma única moeda.

Em solenidade, no primeiro dia útil de 91 e da posse de V. Exas., senhores Conselheiros, compreensível que tenhamos fé nas pessoas que dirigem e vão dirigir nossos destinos. Que no trabalho encontrem-se todos, superados os empecilhos.

Empecilhos no Estado, decorrentes de ausência de planejamento e por isso se tornam permanentes e revelam conotações que esmagam, como o da seca, violência, abandono da criança e decadência do ensino. Tudo a aflorar em nossa capital, centro de convergência dos desajustados de todo o Nordeste.

Recife, de tantos movimentos libertários e hoje apresentado como uma cidade de piores condições para se viver. Seus encantos já não atraem. Suas praças e ruas a revelarem todo o sofrer e o desajustamento de um povo, nem lembranças como as de Manuel Bandeira, trinta anos após tê-la deixado:

“Revi afinal o meu Recife.

Está de fato completamente mudado.

Tem avenidas, arranha-céus.

É hoje uma bonita cidade.”

Pernambuco precisa retomar o desenvolvimento. Como conseguiu-lo? Através de entendimento. Da fraternidade de todos. Problemas de muitas décadas precisam e devem ser solucionados. Que os rios tragam em suas águas a mensagem da esperança e de novos tempos. Não aquela paisagem do Capibaribe, imortalizada por João Cabral de Melo Neto:

“Entre a paisagem

(flua)

de homens plantados na lama;

de casas de lama

plantadas em ilhas

coaguladas na lama;

paisagem de anfíbios

de lama e lama.”

Estas as considerações que desejo fazer, neste plenário, de tantas decisões importantes e em que a sombra de dois Conselheiros desaparecidos, entre nós vagueia, em um símbolo de saudade. Não tiveram o direito do descanso remunerado. Do usufruir dias calmos após a aposentação. Fizeram a longa e desconhecida viagem no exercício do cargo.

V. Exas., Conselheiros Fernando Correia e Adalberto Farias, empossam-se com os aplausos de todo o Colegiado. *Acreditem no valor do pensamento positivo. Altaneiros enfrentem os problemas.*

Dirigir é antes de tudo um ato de repartir. Repartir para exigir responsabilidades. Para projetar, ainda mais, esta Casa que cõncia de suas obrigações, tem sabido cumprir o seu dever. Dever na vigilância dos gastos públicos, na exigência do cumprimento da lei, contrariando, muitas vezes, interesses.

Tribunal que se aproxima dos 25 anos de existência e que nunca contratou servidor. Só nomeando pelo concurso. Que da parcimônia fez uma constante do seu existir.

A V. Exas. a minha saudação, com a confiança e a certeza que serão inexcedíveis no bom cumprir, no bom administrar, no saber fazer, com ordem e justiça, harmonia e entendimento.